

DIALÉTICA

O estudo e a compreensão do conceito de Dialética (D) exigem paciência e determinação.

Comumente, quando alguém quer se referir à D. é porque deseja expressar o fato de que um determinado fenômeno sofreu ou sofre profundas alterações no seu modo de ser e estar. Em outras palavras, quer se referir ao movimento contraditório presente na realidade fenomênica percebida.

Podemos entender por D., do grego *dialektiké*, um modo de perceber e interpretar os fenômenos da natureza e do pensamento lógico enquanto fenômenos que contêm dentro em si não apenas as qualidades positivas do seu modo de ser e aparecer, mas também as qualidades negativas (contradições) ocultas em seu interior.

Para o nosso propósito, convencionamos de “qualidades positivas” aquelas mesmas que os fenômenos nos informam a seu respeito. Por exemplo: a caneta com a qual escrevo este verbete é leve, mede 14 cm, possui uma esfera na ponta, um tubo de tinta cilíndrico, e assim por diante. A idéia de “qualidade negativa” é a contradição inerente ao fato de a caneta se apresentar como uma mercadoria sem que nos demos conta de que ela é o resultado do trabalho abstrato não pago ao seu trabalhador. O fetiche da mercadoria, no dizer de Marx (1818-1883) não permite reconhecer a contradição que está presente na mercadoria, no caso a caneta.

No que se refere ao cérebro-espírito humano, a D. está presente quando nos debruçamos nos processos lógicos do pensamento que descobre a força da negatividade ou da contradição no próprio pensamento. Assim, o “motor” da D., ou seja, o que torna possível o movimento do pensamento sobre si mesmo é a contradição ou a negatividade, se quisermos.

A D. está presente já nos aforismos de Heráclito (séc. VI-V a. C.): “Tudo se faz por contrastes”, “Da luta dos contrários é que nasce a harmonia”, “Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio”, “*Panta rei*”, isto é, tudo é movimento, tudo flui” (Japiassu, 1990:117).

A D. está também presente na obra de Platão (428-348 a.C.) que a entende como ciência para bem conduzirmos o nosso espírito à morada das idéias (formas metamatemáticas) puras, isto é, perfeitas e eternas. Em Platão, nos ensina Japiassu (Ibidem:71), a dialética é o processo pelo qual a alma se eleva, por degraus, das aparências sensíveis às realidades inteligíveis ou idéias. Ele (Platão) emprega o verbo *dialeghetai* em seu sentido etimológico de “dialogar”, isto é, de fazer passar o *logos* na troca entre dois interlocutores. A dialética é um instrumento de busca da verdade, uma pedagogia científica do diálogo graças ao qual o aprendiz de filósofo, tendo conseguido

dominar suas pulsões corporais e vencer a crença nos dados do mundo sensível, utiliza sistematicamente o discurso para chegar à percepção das essências, isto é, à ordem da verdade.

Mas é com Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) que o conceito de D. se eleva a um patamar mais apurado. Com Hegel, a D. assume a paternidade do que hoje ainda entendemos quando pensamos em *tese*, *antítese* e *síntese*, mesmo que estas figurações são antes de tudo didáticas.

Para o nosso entendimento, utilizamos a noção de tese para determinarmos a positividade do fenômeno que se apresenta ao espírito. A tese é a afirmação. A antítese é a negação da tese. A síntese é a negação da antítese ou negação da negação.

Na Fenomenologia do Espírito, Hegel dedica o primeiro capítulo à Consciência, que é o início da experiência do Conceito a partir da positividade do fenômeno que se nos apresenta, ou seja, Hegel trata, aqui, da “certeza sensível”. Por exemplo, quando eu escrevo a oração “Agora é dia” e noto que lá fora é de fato dia, estou escrevendo uma afirmação do que eu verifico, estou escrevendo uma tese. Quando a noite chega e leio a mesma oração “Agora é dia” observo que a sentença não corresponde à verdade lá de fora, pois agora é noite. Tanto “agora” como “dia” tornam-se assim a antítese, ou seja, contrários ao que antes era afirmado. Os termos “agora” e “dia” não correspondem mais à afirmação do predicado “é”. “Agora” e “dia” são verdades que se mantêm somente enquanto um dos termos é a mediação do outro, ou seja, não são verdadeiros em si mesmos, mas tão somente enquanto mediados pela certeza sensível, como *para-si*. O que se mantêm, portanto, é o predicado “é”.

O predicado “é” é um universal que sofre as determinações do aqui e do agora.

O que é o ser? O ser é Nada. Tomado em sua universalidade abstrata, isto é, sem qualquer determinação, o Ser, enquanto afirmado, enquanto tese, é negado a partir mesmo de sua interioridade vazia de determinações, ou seja, a antítese do Ser passa a ser o Nada (nada em especial, nada determinado). A síntese entre o Ser e o Nada é o Devir ou vir a ser. Em outras palavras, o Devir, que é a síntese, contém em si mesmo o Ser e o Nada, estes num estágio *guardado e superado*.

Vamos a um exemplo utilizado por filósofos para explorar esse movimento dialético:

Um lenhador precisa construir uma canoa que o leve à outra margem do rio e verifica que o tronco de uma árvore seria ideal ao seu propósito.

A árvore, no nosso exemplo, é a Tese. A árvore “é”. Ela existe para o lenhador tal qual se apresenta positivamente, isto é, *para-si*; é imediateidade.

O lenhador corta a árvore e faz do tronco da mesma uma canoa.

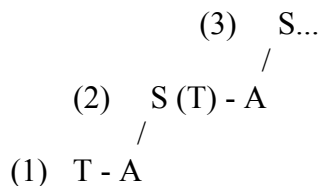
A canoa é a negação da árvore, é a não-árvore, ou seja, é Antítese da árvore. Mas a canoa mantém “conservada” e “guardada/superada” a árvore da qual se originou.

Hegel denomina de *aufheben* essa passagem de um estado a outro da árvore. Japiassu (1990:29) nos ajuda a pensar o verbete alemão *aufheben* enfatizando que “Todo novo estado nasce da negação do estado precedente: visa a aboli-lo, mas, de certa forma, conservá-lo. ‘*Aufheben* tem um duplo sentido: significa guardar, conservar e, ao mesmo tempo, fazer cessar, pôr fim a... A idéia de conservar já contém nela mesma esse elemento negativo consistindo em que, para guardá-lo, algo é subtraído a um ser imediato’(Hegel)”.

Assim como no singelo exemplo acima, podemos dizer que toda imediateidade torna-se pela mediação mediata. A árvore (imediateidade/Tese) pela ação do lenhador (mediação) transformou-se em canoa (mediateidade/Antítese). A canoa conserva, mantém, retém o lenho da árvore original, mas já não é mais a árvore. Observemos que

Glossário

toda negação/contradição/antítese é negação ou contradição que emerge da Tese. A negação/antítese dá lugar a uma “nova” Tese, que é a Síntese:



Ainda nos assessorando de Japiassu (Ibidem:72), a D., em Hegel, não é um método, mas o movimento do pensamento racional que nos permite ultrapassar uma contradição. É um movimento conjunto do pensamento e do real: “Chamamos de D. o movimento racional superior em favor do qual esses termos na aparência separados (o ser e o nada) passam espontaneamente uns nos outros, em virtude mesmo daquilo que eles são, encontrando-se eliminada a hipótese de sua separação”. Para pensarmos a história, diz Hegel, importa-nos concebê-la como sucessão de momentos, cada um deles formando uma totalidade, momento que só se põe opondo-se ao momento que o precedeu: ele o nega manifestando suas insuficiências e seu caráter parcial; e o ultrapassa na medida em que eleva a um estágio superior, para resolvê-los, os problemas não-resolvidos. E na medida em que afirma uma propriedade comum do pensamento e das coisas, a dialética pretende ser a chave do saber absoluto: do movimento do pensamento, podemos deduzir o movimento do mundo: logo, o pensamento humano pode conhecer a totalidade do mundo (caráter metafísico da dialética).

Já Marx faz da D. um *método*. Insiste na necessidade de considerarmos a realidade socioeconômica de determinada época como um todo articulado, atravessado por contradições específicas, entre as quais a luta de classes. A partir dele, mas graças sobretudo à contribuição de Engels, a D. se converte no método do materialismo e no processo do movimento histórico considerando a Natureza: a) como um todo coerente em que os fenômenos se condicionam reciprocamente; b) como um estado de mudança e de movimento; c) como o lugar onde o processo de crescimento das mudanças quantitativas gera, por acumulação e por saltos, mutações de ordem qualitativa; d) como a sede das contradições internas, seus fenômenos tendo um lado positivo e outro negativo, um passado e um futuro, donde a luta das tendências contrárias que gera o progresso (Marx-Engels).

O estudo do método dialético materialista histórico pressupõe, em grande parte, o conhecimento aprofundado da obra hegeliana. Talvez tenha sido por isso que Lênin já dizia que “Para se compreender Marx é preciso ter compreendido Hegel”.

Humberto Calloni

Bibliografia

BORNHEIM, Gerd A. Dialética: teoria e práxis; ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da Dialética. Porto Alegre: Globo; São Paulo:USP, 1977.

CHAUI, Marilena de Souza. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1994.

Glossário

CHEPTULIN, Alexandre. A dialética materialista: categorias e leis dialética. Trad. Leda Rita Cintra Ferraz. São Paulo: Alfa-omega, 1982. V.2.

CAMPOS, Benedicto de. Introdução à filosofia marxista. São Paulo:Alfa-omega, 1988.

GADOTTI, Moacir. Concepção dialética da educação: um estudo introdutório. 6.ed. São Paulo:Cortez, 1988.

HEGEL, G.W.F. Fenomenologia do espírito. 4.ed. Trad. Paulo Meneses. Tomo 1. Petrópolis: Vozes, 1999.

JAPIASSU Hilton e MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

KONDER, Leandro. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense [col. Primeiros Passos]

MANDEL, Ernest. Introdução ao marxismo. Trad. Mariano Soares. São Paulo: Artes Gráficas, 1989.

MARX, Karl. A miséria da filosofia. Trad. José Paulo Netto. São Paulo: Global, 1985.